



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme
Organizador

SUMÁRIO

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

DOI 10.22533/at.ed.9272021091

CAPÍTULO 2..... 18

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.9272021092

CAPÍTULO 3..... 28

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9272021093

CAPÍTULO 4..... 39

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

DOI 10.22533/at.ed.9272021094

CAPÍTULO 5..... 46

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.9272021095

CAPÍTULO 6..... 58

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

DOI 10.22533/at.ed.9272021096

TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE

CAPÍTULO 7..... 70

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

DOI 10.22533/at.ed.9272021097

CAPÍTULO 8..... 77

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

DOI 10.22533/at.ed.9272021098

CAPÍTULO 9..... 87

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.9272021099

CAPÍTULO 10..... 97

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

DOI 10.22533/at.ed.92720210910

CAPÍTULO 11..... 109

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.92720210911

CAPÍTULO 12..... 121

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

DOI 10.22533/at.ed.92720210912

CAPÍTULO 13..... 133

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

DOI 10.22533/at.ed.92720210913

CAPÍTULO 14.....	146
O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.92720210914	
CAPÍTULO 15.....	156
CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS	
Ana Lígia Trindade	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.92720210915	
CAPÍTULO 16.....	166
DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO	
Jéssica Viana Marques	
João Balduino de Brito Neto	
Mikaela Dantas Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92720210916	
CAPÍTULO 17.....	173
RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA	
Rodrigo de Moraes Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.92720210917	
CINEMA, LITERATURA E ARTE	
CAPÍTULO 18.....	183
A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	
Harley Pereira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92720210918	
CAPÍTULO 19.....	192
OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA	
Mirela Bansi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210919	
CAPÍTULO 20.....	201
DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)	
Natália Gomes da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210920	

CAPÍTULO 21.....217

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

DOI 10.22533/at.ed.92720210921

CAPÍTULO 22.....229

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

DOI 10.22533/at.ed.92720210922

CIDADES E PARTICULARIDADES

CAPÍTULO 23.....242

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

DOI 10.22533/at.ed.92720210923

CAPÍTULO 24.....255

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

DOI 10.22533/at.ed.92720210924

CAPÍTULO 25.....267

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.92720210925

CAPÍTULO 26.....279

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92720210926

CAPÍTULO 27.....284

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.92720210927

SOBRE O ORGANIZADOR.....	294
ÍNDICE REMISSIVO.....	295

CAPÍTULO 14

O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO

Data de aceite: 01/09/2020

Matheus de Araujo Martins Rosa

Graduando em História - Universidade de
Brasília (UnB)
Brasília - DF
<http://lattes.cnpq.br/0931998987321694>

RESUMO: O presente trabalho almeja tecer considerações acerca dos usos do tempo na história, mais especificamente mostrando como a cronologia (e particularmente a sincronia) pode ajudar a complexificar as representações coletivas que uma determinada sociedade constrói acerca das diferentes épocas de seu passado. Destarte, buscaremos compreender melhor os possíveis usos da sincronia para o propósito acima especificado a partir de um exemplo concreto: o Planalto Central goiano na década de 1950. Tal escolha se justifica por três fatores: primeiro, a região que atualmente compreende a Região Integrada de Desenvolvimento Econômico (RIDE) do Distrito

Federal e Entorno é ainda vista por muitos como “desprovida de história” antes da construção de Brasília¹; segundo, porque as tentativas de quebra do silenciamento histórico² ao qual foram submetidas as populações planaltinas³ muitas vezes passaram pela estruturação conceitual do binômio “modernidade-sertão”,⁴ às vezes integrando uma relação de oposição, ora complementando um ao outro. Terceiro, porque a década de 1950 está comumente associada no imaginário coletivo a um conjunto de referências - culturais, políticas, sociais, estéticas - que poucas vezes (ou nunca) são ligados ao “sertão planaltino”, à figura do sertanejo. Assim, procurar-se-á mostrar como podemos, através da sincronia (no caso, na década de 1950), complexificar as referências, por um lado, acerca de um determinado espaço (o Planalto Central), e por outro, da própria década em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; cronologia; sincronia; sertão.

1. Um exemplo clássico desse esquecimento está no discurso de Ernesto Silva, diretor da NOVACAP e que em seu livro *História de Brasília* afirma: “NADA, ABSOLUTAMENTE NADA, HAVIA NESTE IMENSO TERRITÓRIO” (SILVA, 1971, p. 108; caixa alta no original)

2. Luiz Ricardo Magalhães (2011, p. 14) afirma: “Desde o século XIX, o que denominamos Sertão Planaltino, veio sendo definido e estabelecido, principalmente pela literatura, como lugar deserto e carente de civilidade.”

3. Para os usos neste trabalho, entende-se por “planaltinas” as populações do Planalto Central, englobando os municípios da atual RIDE, conforme descrito e justificado por Magalhães (2011, p. 19).

4. Tal binômio não foi utilizado apenas por parte dos que elaboraram narrativas históricas sobre a região, mas também foi apropriado pela memória por seus próprios habitantes. Como postula Magalhães (op. cit., p. 15), “(...) a realidade decretada nova caracterizou-se por ser anunciada através de estratégias de sedução, pelas quais as promessas de redenção da pobreza e do desamparo, que até então eram atribuídos a um suposto isolamento da região, se constituíram em eficientes armas de convencimento e cooptação. *Os planaltinos passaram a alimentar o sentimento de estar partilhando da construção de um enclave moderno no interior arcaico do País.*” (destaque nosso)

THE SERTÃO BETWEEN ANCIENT AND MODERN? SOME CONSIDERATIONS ABOUT TIME AS A COLLECTIVE REPRESENTATION AND THE USE OF SYNCHRONY FOR ITS MORE COMPLEX UNDERSTANDING

ABSTRACT: This work aims to discuss the uses and conceptions of time in history, specifically showing how chronology (and synchrony as well) can help us have a more complex understanding about the collective representations created by societies about different times of its past. Therefore, we will try to comprehend this phenomenon from one particular case: the 1950's Central Plateau of Goiás. This choice is relevant for three reasons: first, Brasília's metropolitan area still is conceived by many as a region without history before 1960; second, because the attempts for breaking the silence imposed to the traditional populations of the *sertão* many times leads us towards a dualist historical comprehension, between the terms "modernisation" and "sertão", as two meanings opposed to each other; third, because the 1950's are commonly associated with a numerous set of cultural, political, social and aesthetic references that seldom is linked to the image of the *sertão* - or does not include it at all. With these ideas in mind, we will seek to show how our current understanding of historical time (and space) references can become more complex by applying synchrony.

KEY-WORDS: Time; chronology, synchrony, *sertão*

1 | INTRODUÇÃO

Para melhor definirmos nosso objeto de estudo, partimos do conceito de memória enquanto representação coletiva, nos termos propostos por Émile Durkheim. Márcio de Oliveira (2012) traça uma visão panorâmica dos usos e atualizações desse conceito ao longo das obras do sociólogo francês. De maneira geral, o conceito de representações coletivas está ligado ao de "fato social", nomeadamente no que tange ao seu caráter externo (ultrapassando a esfera individual) e coletivo (no sentido de que o todo social é maior do que a simples soma das partes individuais), gozando, a partir de sua formação, de uma relativa autonomia e ganhando a faculdade de relacionar-se com outras representações, repelindo-as ou a elas associando-se. Durkheim (1978, p. XXVI, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 81) resume da seguinte forma: "as representações coletivas traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam."

Concebendo a memória enquanto representação coletiva sobre o passado, pensamos que a memória coletiva sobre a década de 1950 (ou sobre qualquer outra época) é construída a partir das memórias individuais as quais, juntas num todo coletivo, ganham "vida própria" e, por sua vez, exercem influência sobre a maneira como a sociedade pensa esse passado. Ao contrário do fato social, contudo, o conceito de representação coletiva enfatiza menos o lado coercitivo dessa relação sociedade-indivíduo, e mais a sua característica de construção coletiva, além de sua relação com outras representações coletivas. Assim, a representação sobre a década de 1950 não apenas é fruto dessa construção social conjunta, mas relaciona-se com outras representações - à guisa de exemplo, no caso brasileiro poder-se-ia relacionar a expressão "década de 1950" com as

representações “Era JK” ou “Bossa Nova”, entre outros termos presentes no imaginário coletivo e que estejam relacionados àquele período.

2 | A DÉCADA DE 1950 COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA

A fim de delimitar melhor o que significaria essa representação coletiva da década de 1950, vale mencionar uma pequena amostra do imenso cabedal de referências e estereótipos associados coletivamente a este período: filmes como *Juventude Transviada*, estrelado por James Dean; obras literárias como *On the Road*, de Jack Kerouac; o surgimento do *rock'n'roll* com seus ícones como Chuck Berry e Elvis Presley, além de personalidades do cinema como Marilyn Monroe; no Brasil, como já mencionado, elementos como a “Era JK”, a construção de Brasília e a Bossa Nova ainda persistem como marcas desse período.

Dos elementos acima, e de muitos outros que poderiam ser elencados, nenhum deles contempla diversos aspectos da vida sertaneja - seus modos de conviver, de habitar, de organizar-se socialmente, de comercializar ou de se relacionar com as instâncias políticas. Um cenário tal, apesar de cronologicamente simultâneo aos termos acima descritos para a década de 1950, não é comumente ligado a ela.

3 | A SINCRONIA NA HISTÓRIA: USOS DO CALENDÁRIO

No problema aqui tratado, é preciso também delimitar a sincronia aqui utilizada: para isso, valem as reflexões do filósofo Paul Ricoeur em seu trabalho *Tempo e Narrativa* - especificamente suas considerações acerca dos três elementos por ele considerados mediadores entre o tempo cósmico e o tempo humano. São eles: o calendário, as gerações e os rastros.

Para as discussões aqui postas, chamam atenção as características do primeiro. Sendo ele constituinte da invenção de um terceiro-tempo (RICOEUR, 1994, p. 180) produto da articulação entre o tempo cósmico (ou “tempo lógico”, dentro das suas observações sobre a *Poética* de Aristóteles) e o “tempo da alma” (o tempo interior, subjetivo, humano), cunhado por Santo Agostinho, o calendário possui três características basilares: 1) um acontecimento fundador, o “ponto zero do cômputo” (RICOEUR, op. cit., p. 183); 2) um eixo de referência, estruturador de vetores (para o passado ou para o futuro); 3) um “repertório de unidades de medida” (dia, mês, ano, século). Assim, nessa síntese entre o cósmico e o humano, o calendário adquire atributos de repetição dentro de um esquema de sucessão de unidades de medida. São exemplos dessa síntese os feriados e datas comemorativas ou os marcos da mudança das estações (como os solstícios e equinócios).

Assim, nossa análise sincrônica se dá no interior de uma unidade de medida temporal - a década de 1950 do calendário gregoriano - utilizando acontecimentos ocorridos dentro dela para complexificar a representação coletiva que se tem em nossa sociedade sobre esse período. Afinal, como postula José D’Assunção Barros,

“Essa capacidade de enxergar mais além e mais profundamente é o que se manifesta quando um historiador olha para uma data. Enquanto uma pessoa comum vê na data apenas uma data, um historiador vê através dela um contexto, situa-a quase que automaticamente em conexão com certos processos, vislumbra um jogo de relações, apercebe-se da data como um ponto a partir do qual se pode estabelecer uma série de problematizações.” (BARROS, 2013, p. 25)

Essa capacidade de utilização da data como ponto de conexão entre processos simultâneos, ao nosso ver, guarda grandes potenciais de contribuição à pesquisa e divulgação histórica, seja analisando a correlação entre esses processos (no que Vincent Descombes denominaria “atualidade histórica”, que será analisada adiante), seja conscientizando a comunidade acadêmica ou o público mais amplo da complexidade envolvida na análise de uma determinada época.

Outros pontos também chamam a nossa atenção às observações de Ricoeur: primeiro, o seu diálogo com Fernand Braudel, no que tange à problemática do evento. Como postula Barros, comentando essa querela,

“Para Paul Ricoeur, o evento não corresponde necessariamente ao ‘tempo curto’, ao acontecimento pontual da chamada ‘história factual’ ou da pequena narrativa cotidiana que é contada para um ouvinte. O ‘evento’ é na verdade *tudo aquilo que produz algum tipo de mudança no interior de uma narrativa*: pode assinalar o início de um processo, demarcar o seu fim, produzir uma mudança de curso, agregar mais movimento a um processo em andamento, estancar este processo, ou acrescentar ao relato um novo elemento informativo. Quando se tem uma narrativa em escala ampliada, os cem anos de uma história imóvel ou quase imóvel podem corresponder a um único evento. Não é a extensão de tempo que define o evento, mas sim sua qualidade, o seu poder de transformação ou de intensificação no interior de uma narrativa que o inclui.” (BARROS, op. cit., p. 178; destaque nosso)

Levando em conta o trecho acima, a história da mudança da capital federal pode ser vista como um evento, a depender do modo como será narrada: assim, desde a criação do termo *Brasília* por José Bonifácio até a inauguração oficial da cidade em 21 de abril de 1960, aproximadamente 130 anos podem ser vistos como um evento.

4 | SERTANEJOS COMO NÃO-CONTEMPORÂNEOS?

A concepção amplamente difundida de que, por exemplo, jovens de classe média dos grandes centros, contemplados no arquétipo dessa imaginação coletiva sobre os anos 1950, e tropeiros do Planalto Central localizam-se em “tempos distintos” encontra guarida nos estudos sobre o tempo na História.

Primeiramente, vale mencionar o historiador francês Fernand Braudel e seu conceito de história. Braudel, herdeiro das inovações trazidas pela “Escola dos Annales”, desenvolveu seu método combatendo ativamente a hegemonia do evento/acontecimento no fazer histórico e propondo uma História baseada na tessitura de três camadas temporais,

ou três durações: a do evento/acontecimento político, a mais superficial e efêmera;⁵ a das variações da economia, de média duração; a das estruturas sociais, mentalidades e a relação entre as comunidades humanas e o espaço geográfico, por fim, constituindo a longa duração.

Nesse sentido, o ofício do historiador consistiria em interligar as três dimensões acima. Nessa articulação, a longa duração, o estudo das estruturas sócio-culturais, ganharia primazia. No contexto aqui estudado, os eventos que compõem a história do Planalto Central - listas de efemérides ou relações de intendentess municipais, tão apreciadas pelos memorialistas - perdem espaço na tessitura histórica em favor de estudos sobre ciclos econômicos ou a teimosa permanência das estradas coloniais enquanto rotas de circulação de mercadorias e pessoas, antes e depois da construção da nova capital.⁶

Noutro giro, e aproximando a problemática do tempo histórico às representações coletivas, podemos destacar dois conceitos presentes na obra do historiador Berber Bevernage em seu livro *História, memória e violência de Estado - tempo e justiça*: o primeiro é o “presente neotérico”, formulado por Preston King, consistente na dialética entre os eventos ou elementos que “ocorrem *no* presente, mas que são experimentados como ‘antigos’, ‘convencionais’ ou ‘tradicionalis’ e aqueles que percebemos serem características distintivas *do* presente, vistos como ‘novos’, ‘inovadores’ ou ‘modernos’” (BEVERNAGE, 2018, pp. 176-177). Assim, para King, o fazer histórico residiria na articulação entre os ingredientes percebidos pela sociedade como pertencentes àquela época e aqueles percebidos como “deslocados” ou “fora do tempo”. Interessante notar que tal noção pode ser aplicada tanto aos coevos (no caso aqui tratado, como os indivíduos e a sociedade brasileira da década de 1950 pensavam a si mesmos) quanto às gerações posteriores (no seu exercício de reflexão sobre o passado).

O segundo conceito exposto por Bevernage, a partir da leitura do marxista Ernst Bloch, é o da *Ungleichzeitigkeit*, traduzida como “não-contemporaneidade”. Criticando a ortodoxia marxista no que concerne ao domínio da dimensão econômica na análise social, Ernst Bloch propôs uma nova interpretação dos eventos dos anos 1920 que levaram à ascensão do nacional-socialismo na Alemanha. Rejeitando a concepção de tempo como uma linha unidirecional e postulando uma abordagem da História como uma entidade “polirrítmica”, Bloch assim defende que “nem todas as pessoas existem no mesmo agora. Eles fazem isso apenas externamente, pelo fato de que eles podem ser vistos hoje. Mas eles não estão simplesmente, deste modo, vivendo ao mesmo tempo com os outros.” (BLOCH, 1991, p. 97, *apud* BEVERNAGE, op. cit., p. 245). Destarte, aplicando esse conceito ao

5. Diz Braudel (1958, p. 45) em *A Longa Duração*: “De minha parte, quisera acantoná-la [referindo-se à palavra *evento*], aprisioná-la na curta duração: o evento é explosivo, ‘novidade sonante’, como se dizia no século XVI. Com sua fumaça excessiva, enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, vê-se apenas sua chama.”

6. Paulo Bertran (2011, p. 299) em sua obra *História da Terra e do Homem no Planalto Central* afirma que “o engenheiro-mor das estradas da Novacap ao tempo da construção de Brasília, o goiano Dr. Jofre Mozart Parada, ordenava aos condutores dos novos possantes tratores a seguirem as estradas antigas, pois corriam, justificava ele, sobre terrenos sólidos, de geologia definida, já provados por milhares de viajantes em séculos anteriores.”

presente estudo, poder-se-ia afirmar que, grosso modo, os planaltinos (mormente as camadas mais populares, as quais ainda na década de 1950 estavam em grande parte ligadas à agricultura de subsistência ou ao pastoreio extensivo) não estariam vivendo no mesmo tempo que um empresário ou um operário de uma zona industrial moderna de São Paulo, por exemplo.

Outro conceito importante para a presente discussão é trazido pelo filósofo Friedrich Nietzsche. Sua definição de atualidade, comentada por Giorgio Agamben no livro *O que é o contemporâneo?*, pressupõe algum grau de deslocamento em relação ao presente-simultâneo:

“Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.” (AGAMBEN, 2009, p. 58)

A esse propósito, Magalhães (op. cit., p. 135), refletindo sobre os impactos da modernização no Planalto Central, analisa a trajetória de uma família de “coronéis” de Planaltina de Goiás - os Guimarães - e descreve a disposição de Salviano Guimarães, patriarca da família, em fazer com que seus filhos “ganhassem camisa” através dos estudos na faculdade de Direito em São Paulo; em outras palavras, talvez antevendo a chegada de um processo de modernização em pleno sertão goiano, o “Coronel Salviano” via a necessidade de seus filhos se inserirem na elite política e de se enturmarem com os círculos de poder mais modernos. “Ganhar camisa” era, assim, a estratégia de preservar seu poder político, calcado em grande parte no *modus operandi* arquetípico do coronelismo, antecipando-se aos novos tempos que se anunciavam. Um exemplo da discronia, da “atualidade inatual” descrita por Nietzsche.⁷

5 | O SERTÃO: SIMULTANEIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Até aqui, mostramos o principal conjunto de conceitos que dizem respeito à problemática das representações do tempo na história. Analisando mais detidamente a década de 1950 na região do Planalto Central, percebemos grande mistura de elementos que poderiam ser considerados “típicos” ou “atípicos” da época.⁸ Começemos pelos

7. A propósito, o desenrolar dos acontecimentos ao longo da década mostraria o acerto da decisão: não apenas Hossannah Guimarães, filho de Salviano, consolidou o poder econômico da família, como ampliou sua influência política, haja vista ter sido anfitrião de diversas comissões exploradoras do Planalto Central, além de ter governado o Estado de Goiás entre junho de 1950 e janeiro de 1951. Por outro lado, o autor mostra que, para os demais sertanejos, sem poder político e econômico e despossados de suas terras, o restante da década assumiria contornos inesperados: “O que, na sequência dos eventos, se veria desabar sobre os planos dos sertanejos, naquele momento, ainda encontrava-se oculto. Não havia como prever a dimensão impactante do que estava por acontecer. Pouco tempo depois, conceitos menos animadores como desapropriação, *aceleração* do tempo, impessoalidade e burocratização vieram mostrar como seria difícil lidar com a realidade em mutação acelerada.” (MAGALHÃES, op. cit., pp. 123-124; destaque nosso).

8. Apenas à guisa de esclarecimento, poder-se-ia fazer este mesmo exercício, porém elencando os elementos “típicos”

“típicos”: na obra *A Realidade Pioneira*, o historiador Mário Castro (1984, pp. 17-39) elenca as principais efemérides de Planaltina de Goiás, desde os primórdios do período colonial, passando pela fundação do arraial e seu desenvolvimento até a primeira metade do século XX. Pela relação ali posta, notamos que, ao longo das décadas, Planaltina passava por um processo de modernização que incluía a proibição da criação de porcos e funcionamento de curtumes na zona urbana (1910); a instalação de registro d’água nos quintais (1911); construção da primeira estrada para automóveis na região (1921); abertura do serviço postal por automóvel (1924); fornecimento de energia elétrica (1925); construção da pista de aviação e de um coreto (1938); construção de um matadouro público (1949); destinação de área pública para construção de um estádio, além de reformas no âmbito urbanístico, como a construção de meio-fios e arborização da avenida principal (1955). Ademais, Robson Eleutério Silva (2019, p. 100) destaca a criação de uma banda de jazz em 1944. Costumes importados da Europa, como o *jogging* (chamado pelos locais de “vai-e-vem”; SILVA, op. cit., p. 104), ajudavam a delinear um conjunto de atividades voltadas a uma faixa etária nova: a dos adolescentes, ou jovens adultos, esse produto típico da modernidade urbana, novidade dentro de uma sociedade acostumada à divisão dicotômica criança-adulto.

Os itens supracitados, entretanto, conviviam simultaneamente na década de 1950 com com práticas políticas fortemente tributárias do coronelismo da Primeira República e do mandonismo do período imperial,⁹ além de outras noções de relações entre indivíduo e Estado, menos mediadas por uma burocracia impessoal; nesse sentido, vale a transcrição de um trecho da entrevista realizada pelo Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) em 1984 com Otaviano Guimarães (o “Seu Otavinho”), a respeito dos impactos da mudança da capital:

“Antes da mudança da Capital (...), nós tínhamos uma liberdade ampla, de nós construirmos uma residência, uma casa, por simples que fosse, ou melhor que fosse sem tanto protocolo, sem tanta dificuldade, como a gente está tendo hoje. (...) Primeiro necessita de uma planta que a gente não tem possibilidade, depois vem mais outra coisa, depois mais outra coisa, uma série de coisas. (...) Uma burocracia que não sei explicar. A mudança da capital nunca trouxe uma coisa que nos beneficiasse, porque o bem que ela trouxe pra Planaltina e pra região, é um benefício que nós não podemos concluir ainda que seja um bem. (...) Se eu tinha um cavalo, eu arriava ele e montava nele sem pedir

ou “atípicos” em relação à imagem estereotipada do sertão e do sertanejo. Contudo, como pretendemos dar um enfoque maior à problemática do tempo, optamos por estruturar o atributo temporal (a década de 1950), e não o espacial (o Planalto Central), como eixo de nosso ensaio.

9. A respeito da permanência e reconfiguração do coronelismo no Planalto Central na década de 1950, Magalhães afirma: “O discurso historiográfico tem derogado clássicas alusões ao coronelismo como algo preso exclusivamente à tradição, e, por isso, paradigma de um passado cabalmente superado pelas conformações sociais permitidas pela onda modernizante. Gente astuta como o Coronel Salviano, observando as mudanças prenunciadas antes mesmo da década de 1930, com a Revolução de Getúlio Vargas, preparava as novas gerações para o mundo que se avizinhava. Diante dessas evidências, afirmamos não se sustentarem os decretos de morte dos coronéis da Velha República frente às atuais análises discursivas dos protagonistas históricos. *Haveria uma linha direta ligando parte desse poder político ruralista com as novas burocracias citadinas*, que, em muitos casos, herdavam não só fortunas, mas o prestígio e as práticas daquele patrimonialismo das elites decretadas arcaicas.” (MAGALHÃES, op. cit., p. 136; destaque nosso)

licença, sem falar com ninguém, Agora hoje, você tem o cavalo, você não pode arriar, você não pode montar nele.” (PLANALTINA... RELATOS, 1985, pp. 68-69)

Ainda na entrevista, e em aparente contradição ao caráter saudosista da fala anterior, Seu Otavinho reflete sobre as mudanças ocorridas em Planaltina ao longo das décadas e as tentativas de preservação do patrimônio arquitetônico e histórico da cidade:

“Para que Museu? pra quê coisa velha? coisa velha não está rendendo nada para nós. Porque estão ficando os lotes, as casas vão cair, porque é muita dificuldade pra reformar. Eu sou contra esse negócio de coisas velhas, históricas. Não gosto de nada disso. Sou contra a história. A história não está resolvendo nada para nós. Nós temos que partir para uma vida nova, uma vida de esperança e realização. Coisa velha para nós, história, está tudo caindo, não só em Planaltina mas no mundo todo.” (PLANALTINA... RELATOS, op. cit., pp. 68-69)

No cabedal de experiências rememoradas por Seu Otavinho, a mesma modernidade que não teria trazido benefícios guardaria dentro de si as possibilidades de “partir para uma vida nova, uma vida cheia de esperança e realização.” Se no primeiro trecho a modernidade trazia o incômodo da exigência de novos “protocolos” no relacionamento entre poder público e indivíduos, o segundo excerto evidencia a força do discurso atrelando o par modernidade-progresso à esperança de dias melhores - ou, nos termos de François Hartog (2019), trata-se de sua inserção num “regime de historicidade moderno”.

Em entrevista ao historiador Robson Silva, o Sr. Viriato de Castro Neto assim descreveu parte de sua infância na Fazenda Bananal, região do atual Plano Piloto de Brasília:

“Eu ia com meu tio Valu pescar lá na cachoeira do rio Paranoá, no tempo da piracema. Era assim que a gente falava: *tempo de peixe subir*. E lá tinha um rio com muita água e o peixe tentava subir (...) Aí nós fazíamos uma cerca pra prender os peixes, colocava um pau grande, podre, embaixo e depois tirava cheio de peixe. A gente ia pra lá de caminhão, tinha apenas um em Planaltina que era do Seu Alexandre Salgado (...) A gente subia e chegava num outro rio que caía lá e via os caçadores que iam matar ema e veado. Eram tantos animais que pareciam uma criação de ovelhas.” (SILVA, op. cit., pp. 69-70; destaque nosso)

No excerto acima, o “tempo de peixe subir”, o caráter simplório do pau podre para cercar os peixes, os animais silvestres e sua caça, constituem-se em elementos que, numa concepção de “não-contemporaneidade”, estariam ligados a “outros tempos”, extrínsecos ao que comumente se relaciona com a década de 1950; no entanto, na narrativa da infância do Sr. Viriato de Castro, eles dividem espaço com o caminhão, símbolo da modernidade ainda incipiente na região, haja vista ter apenas um em Planaltina, segundo o relatante.

61 CONCLUSÕES

Pelas observações postas ao longo do presente trabalho, procuramos defender as potencialidades do uso de uma dada sincronia - a década de 1950 - para a complexificação da representação coletiva feita em nossa sociedade a respeito do passado. Postulamos ainda, em alinhamento com Paul Ricoeur, que cabe à narrativa o poder de relacionar personagens e eventos que, embora simultâneos, à primeira vista pouca ou nenhuma relação guardam entre si (BARROS, op. cit., pp. 188-190). Ao relacioná-los, saímos da mera simultaneidade e adentramos na “atualidade histórica”.

Ao refletir sobre esse conceito, Vincent Descombes, em artigo publicado na Revista Humanidades, postula o seguinte:

“A cronologia define somente uma contemporaneidade indiferente. Se duas atividades possuem como único ponto em comum o fato de se produzirem ao mesmo tempo, certamente podem ser chamadas de contemporâneas. Mas em que são contemporâneas? Elas o são na representação que fazemos delas. Disso nada resulta para uma e para outra. Para que possuam uma relação de contemporaneidade real, é preciso que o fato de terem lugar num mesmo tempo tenha chance de afetar tanto o modo como essas atividades se desenvolvem quanto seus resultados. É preciso, portanto, que a relação de contemporaneidade entre elas seja em si um fato histórico. Alcançamos assim a noção de atualidade histórica.” (DESCOMBES, 2011, pp. 139-140)

Pelo exposto neste trabalho, as considerações de Descombes guardam ampla pertinência; entretanto, no que tange à relação de contemporaneidade enquanto “fato histórico”, cabe retornarmos a Ricoeur: essa relação não é dada *a priori*, mas é tecida no interior de uma narrativa, a qual, “passeando” entre a dimensão do cósmico e do humano, não se submete à rígida ordem da cronologia dos acontecimentos; assim tampouco se submete à aproximação óbvia dos elementos: os termos “caminhão” e “piracema”, isoladamente, pouco ou nada se relacionam; entretanto, é na fala do Sr. Viriato de Castro que esses termos ultrapassam a simultaneidade - a “piracema” acontecia ao mesmo tempo em que um caminhão circulava em Planaltina - e ganham uma relação entre si. Neste ponto, está constituída a “atualidade histórica”.

Dessa forma, entre piracemas, caminhões, aviões, bandas de jazz, coronéis e caças a animais silvestres, a reconstituição histórica do Planalto Central ganha novos contornos; mais do que isso, porém, cremos que o esforço de representação coletiva da década de 1950 também se enriquece: trata-se de sair dos arquétipos, dos modelos prontos, dos estereótipos e mergulhar no esforço de, na narrativa sincrônica sobre um passado, reconstituir um “presente neotérico”. Afinal, “quando compreendemos cada narrativa que nos é contada, estamos aprendendo a viver, pois passamos a conhecer de uma forma cada vez mais melhorada as leis e disposições da própria vida, inclusive o tempo, que só pode ser compreendido desta forma.” (BARROS, 2013, p. 195).

Pensar a cronologia e a sincronia como eixos dessa análise não se trata de mero

capricho ou apego pueril à concepção de tempo linear em vigor no regime de historicidade moderno; ao revés, especialmente quando refletimos sobre os desafios e possibilidades da divulgação histórica, o tempo do calendário - e os imaginários coletivos e individuais a ele atrelados - ainda encontra ampla repercussão na sociedade na qual o historiador está inserido; outrossim, mesmo em seu ofício diário, não pode ele prescindir da cronologia, do calendário e de seu papel mediador entre o tempo cósmico e o tempo humano.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BARROS, José D'Assunção. *O tempo dos historiadores*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2011.
- BEVERNAGE, Berber. *História, memória e violência de Estado - tempo e justiça*. Serra: Milfontes / Mariana: SBTHH, 2018.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração [1958]. In: *História e ciências sociais*. Lisboa: Presença, s/d.
- CASTRO, Mário. *A realidade pioneira*. Brasília: Thesaurus, 1984.
- DESCOMBES, Vincent. O que é ser contemporâneo? *Revista Humanidades*, Brasília, n. 58, pp. 132-141, junho/2011.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MAGALHÃES, Luiz Ricardo. *Sertão Planaltino: cultura, religiosidade e política no cadinho da modernização (1950 – 1964)*. 299f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.
- OLIVEIRA, Márcio de. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012.
- PLANALTINA... RELATOS. Brasília: Administração Regional de Planaltina, 1985. 114 p.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, tomo I. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília: Coordenada, 1971.
- SILVA, Robson Eleutério. *História de Planaltina em documentos: do Arraial de Mestre D'Armas à construção de Brasília*. Brasília: R. E. da Silva, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adesismo 18

Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187

Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165

Barão do Abiahy 18, 19

Brasil Colonial 166, 172

Brasil Império 18, 19

C

Cesare Brandi 267, 268, 278

Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275

Cristãos-novos 284

Cronologia 122, 146, 154, 155

Cultura Cigana no Brasil 133

D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172

Descaracterização 279, 280, 281, 282

Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289

Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260

Disputas 21, 87, 180, 214, 263

E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237

Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

G

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

H

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

I

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

J

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

L

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

M

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

N

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

U

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250


V

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

Z

Zapatismo 173, 174

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História